iu. Compare *iu-monna*, *Beow*, 3052; *io-meowlan*, *Beow*, 2931; *iu-wine*, *Seef*. 92; *iu-lean*, *Wald*, 2, 7; *giomonna*, *Met*. 1, 23, etc., etc. That the word compounded with *iu*- (*io*-) may be used of the living, the example from *Beowulf* proves. Earle translates it "wife of one's youth;" Grein, "Greisinn." So *yeoman* need not necessarily signify 'a forefather, ancestor,' but it may also mean 'an old man, ancient,' and like the word "ancient" it took on the signification 'a very old man, an elder of the village.' A few facts from constitutional history will, I am inclined to think, establish this theory.

The *ceorl* of the Anglo-Saxon is the *yeoman* of the Middle-English period. (Freeman, *Norman Conquest*, i, 84.) Or, as Hallam has stated the case, *Middle Ages*, ii, 70,

"Nobody can doubt that the *villani* and *bordarii* of Domesday Book, who are always distinguished from the serfs of the demesne, were the *ceorls* of Anglo-Saxon law. And I presume that the *socmen*, who so frequently occur in that record, though far more in some counties than in others, were *ceorls* more fortunate than the rest, who by purchase had acquired freeholds, or by prescription and the indulgence of their lords, had obtained such a property in the outlands allotted to them that they could not be removed, and in many instances might dispose of them at pleasure. They are the root of a noble plant, the free socage tenants or yeomanry whose independence has stamped with peculiar features both our institutions and our national character."

Stubbs (*Constitutional History*, iii, 551), speaking of "the great body of freeholders, the yeomanry of the Middle Ages," characterizes it as "a body which, in antiquity of possession and purity of extraction, was probably superior to the classes that looked down upon it as ignoble."

But one of the changes brought about by the Norman Conquest was the reduction of the *ceorl* almost if not quite to a state of servitude. He became attached to the land, and he was finally left virtually without civil rights towards his lord. At the same time, the *theow* of Anglo-Saxon law, the serfs of the demesne were somewhat lifted in the social scale, and in process of time the *servus* or *theow* disappeared altogether. (Cf. Stubbs, i, 428 ff.) Both classes were designated villeins by the Norman lawyers. But though they came so close to each other as to require the trained mind of the jurist, or the constitutional historian, to distinguish between them, yet among themselves the distinction was never lost sight of.

"Not but that, if it came to a question of law, the local witness might in each case draw a distinction as to the status of the villein concerned; the testimony of the township or the hundred might prove that this man was descended from a family which had never been free, this from a bought slave, this from a commended ceorl." Stubbs, i, 429.

In Old-English law the yeoman was *probus et legalis homo*, one having free land of forty shillings by the year (previously five nobles), who was thereby qualified to serve on juries, vote for knights of the shire, and do any other act for which the law required this status or position. It was from the younger brothers of the yeoman families that the households of the great lords were recruited; they furnished men at arms, archers and hobelers, to the royal force at home and abroad, and, settling down as tradesmen in the cities, formed one of the links that bound the urban to the rural population. (Stubbs, iii, 551.) Later the tenant farmers were added to the yeoman class,—all of which serves to explain the extension of the use of the word in its various meanings.

W. M. BASKERVILL.

Vanderbilt University.

GERINELDO II.[1]

It was long or seven years had an end
She longd fu sair her love to see
. . . .
'For I maun marry my first true love,
That's done and suffered so much for me.'
Ballada de *Young Beichan*.

1 Bibliographia do presente artigo:

Almeida-Garrett, João Bapatista visconde de, *Romanceiro*, t. ii e iii, Lisboa 1851.

Child, Francis James, *The English and Scottish popular Ballads*, 8 parts, Boston 1882–1892.

Durán, D. Agustín, *Romancero General*, 2 vol., Madrid 1859, 2a edição.

Grundriss der Romanischen Philologie, publicado sob a direcção de G. Groeber, Strassburg, 1888, sq.

Jahrbuch für romanische und englische Literatur, vol. iii, 1861.

Milá y Fontanals, D. Manuel, *Obras Completas*, coleccionadas por el Dr. D. Marcelino Menendez y Pelayo, t. i–v, Barcelona 1888–1893.

Ahi vai a continuação d'um ensaio folklorico que eu publiquei na caderneta de Dezembro de 1892 d'esta mesma revista (vol. vii, cols. 449–485) com o titulo de "La tradition d'Eginhard et Emma dans la poésie *romancesca* de la péninsule Hispanique," do qual se fez tambem uma *separata* em numero limitado. Formáram então o objecto das minhas observações os romances de *Gerineldo*, tão populares nos paizes de lingua castelhana, catalã e portugueza. Estes romances, assentados elles proprios n'uma tradição do cyclo carolingeo, achão-se aparentados pelo fundo, ou connexos pelas suas ramificações, com outros varios grupos de romances, dos quaes mencionei alguns na conclusão d'aquelle artigo (vii, col. 483).

Se hoje imprehendo seguir na minha tarefa, passando revista dos romances dependentes dos de *Gerineldo*, é principalmente graças á particular acolhida que fizéram á minha primeira publicação o Snr. G. Paris no seu juizo critico na 'Romania,' vol. xxiii, p. 307, e o illustrado conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello, na *Revista Lus.*, vol. iii, p. 375.

Antes de entrar no proprio assumpto do presente artigo, que versará sobre a segunda parte dos romances de *Gerineldo*, peço licença para completar nalguns pontos o meu trabalho anterior, pelos seguintes

Addenda.

Chapitre Ier.—O Snr. G. Paris chama a attenção para o facto de eu não ter conseguido descobrir a origem dos romances de *Gerineldo*, e continúa:

"Cette source est certainement une chronique et non une tradition populaire;[2] il doit y avoir moyen de savoir quelle chronique contenant l'histoire en question a pu être connue d'un poète espagnol du xvie siècle."

Segundo expuz no *chap. Premier*, não exta nos reinos de Hispanha versão prosaica do *Gerineldo* anterior ao seculo decimo oitavo (vii, col. 455), e o romance, muito mais velho, provirá d'algum conto das chronicas ou *livres savants* francezes, baseado principalmente no *Chronicon Laureshamense* (vii, cols. 452, 454), mas emprestando varios rasgos d'outras fontes da tradição (vii, cols. 477, 478, 481). Tocante pois ao problema de descobrir aquel conto posterior á chronica de Lorsch que subministrou o prototypo dos romances de *Gerineldo*, força me é declarar que não disponho presentemente dos materiaes indispensaveis para tal investigação.

Emquanto á variante mais antiga dos romances de *Gerineldo*, vêja-se a minha tentativa de classificação, vol. vii, col. 475. Para podermos determinar com maior certeza a lição primordial, primeiro sim que precisariamos conhecer exactamente a redacção adoptada pela nossa lénda na chronica na qual o romance foi haurido directamente.

Chapitre ii.—Para a classificação geral dos romanços de *Gerineldo*, comparem-se as observações de C. M. de Vasconcellos, na sua *Historia da Litteratura Portugueza*.[3] Nos seus *Estudos sobre o Romancerio Peninsular*,[4] a mesma sabia da, á occasião d'uma analyse critica da *Folkpoesi* de Munthe, uma enumeração das lições do *Gerineldo*, accompanhada d'uma valiosa bibliographia romancesca de vinte e sete numeros.

O Snr. J. Leite escreve (*Rev. Lusit.* iii, p.

2 A theoria das *chronicas como fonte de romances* encontra-se ventilada tambem nos *Chants pop. du Piémont*, pp. 28, 29: "Les... romances..d'Eginaldo...dérivent sans doute du *Chronicon Laureshamense*, et n'ont pu se former qu'à la suite de la lecture de livres savants,"—e, mais arriba, na pag. 28, onde o Snr. Paris formúla o seu conceito com relação ao *Canto di Donna Lombarda*, para refutar certa theoria do Snr. Cos. Nigra: "Il suffit qu'un poète populaire ait entendu raconter, au xvie ou au xviie siècle, la tragique aventure de Ravenne, puisée dans le récit de Paul Diacre et les nombreuses histoires qui s'en sont inspirées pour qu'il ait pu composer la belle chanson qu'on connaît."

3 No *Grundriss* vol. ii, 2da secção, p. 155.

4 *Rev. Lusit.* ii, pp. 192 sq.—Esse artigo não me era conhecido no tempo que publiquei o meu; cf. a minha 'note 41,' Mod. Lang. Notes, vii, p. 232.

Milá y Fontenals, *Romancerillo Catalán*, Barcelona, 1882.
Munthe, Ake W: son, *Folkpoesi från Asturien*, i, Upsala, 1888.
Nigra, Costantino, *Canti popolari del Piemonte*, Torino, 1888.
Paris, Gaston, *Les chants populaires du Piémont*, Paris, 1890.
Pidal, Juan Menendez, *Colección de . . . Romances . . . asturianos*, Madrid 1885.
Revista Lusitana, volumes ii e iii, Porto, 1890-1895.
Santa-Anna Nery, F.-J. de, *Folk-lore Brésilien*, Paris, 1889.
Wolf, Ferdinand, *Proben Portugiesischer und spanischer. Volksromanzen*, Vienna, 1856.
Wolf y Hofmann, *Primavera y Flor de Romances*, 2 tomos, Berlin, 1856.

375): "A's versões portuguesas indicadas pelo Sr. Otto, posso addicionar mais duas publicadas nos meus *Romances populares portuguezes*, Barcellos 1881, nos xxiii e xxiv. Tambem ouvi em Tras-os-Montes uma versão em hespanhol."—

Nas seguintes paginas, as designações taes como A1, C5, remettem o leitor ás correspondentes versões do *Gerineldo* no meu artigo "La tradition d'Eginhard."

A4.—Note-se o juizo de Wolf,[5] quem falla da 'abenteuerlich verballhornte (Katastrophe) der jüngeren castilischen Romanze [=A4], in der der Einfluss der italienischen Rittergedichte unverkennbar ist.' Elle prefere o pathetico episodio final da versão de Almeida-Garrett[=C1, a unica portugueza que conhecia], bem que vislumbre n'elle [com razão] uma interpolação posterior.

A5.—O *rifacimento* moderno em castelhano A5, extando sómente como folheto solto e não encontrando-se impresso em nenhuma colecção de romances, faço-o seguir ahi *in extenso*.

Canción nueva del
Gerineldo,

en la que se expresan los amores y fuga de un oficial ruso con la bella Enilda, sultana favorita del Gran Señor.

I. Se hallaba en Constaninopla
un joven ruso lucido,
al rervicio del Sultán,
siendo de todos querido:
Gerineldo se llamaba
este oficial distinguido,
y por su heroico valor
logró el nombre de aguerrido.

II. El gran Señor le tenia
un afecto decidido,
estando ya tan prendado
de su gallardía y brío,
que para mas demostrarlo
le confirió el gran destino
de capitán de su guardia,
y secretario efectivo.

III. Con todos estos honores
estaba muy complacido,
hasta que vino á turbarlo
el rapaz, niño Cupido;
pues viendo á la hermosa Enildas,
que era en belleza un prodigio,
la Sultana favorita
del gran Sultan, quedó herido.

IV. Una hermosa mañana
de Mayo alegre y florido,
por el jardin paseaba
Gerineldo pensativo:
á poco que habia andado
se encontró con el hechizo
atractivo de su amor,
y de esta suerte la dijo:

V. —Tu belleza, gran señora,
me tiene de amor rendido,
y mi pecho os adora
con el mas fino cariño;
pero no porque os ame,
como os declaro atrevido,
se ofenda vuestra hermosura,
dejándome en el olvido.

VI. —Gerineldo, Gerineldo,
Gerineldito querido;
bien conozco que el amor
te ha hecho tan atrevido;
mas no creas que por eso
caigas jamás en olvido
de quien tiernamente te ama
hace tiempo sin decirlo.

VII. —Bella Enildas, tu respuesta
me ha dejado sumergido
en un mar de pensamientos,
sin lograr seguro asilo;
pues noto la diferencia
que va de tu culto al mio,
y no abandono mi ley
por tu amor, ni mi destino.

VIII. —No desmayes, Gerineldo,
que amor todo lo ha vencido;
estoy de tí enamorada,
y esto basta, dueño mio;
pero has de ser reservado
á cuanto ahora te digo;
hablarte esta noche quiero
en este jardin sombrío.

IX. —Verdad es de que amor vence,
pues tiene gran poderío,
y expondré hasta mi existencia
si tal fortuna consigo:
mas siendo criado vuestro
creo que os burlais conmigo.

5 *Proben*, p. 57.

¿A qué hora de la noche
cumplireis lo prometido?

X. —Entre las doce y la una,
que estará el Sultan dormido;
para tal hora te espero,
que vendrás bien prevenido:
tres vueltas da á su palacio,
pero siempre con sigilo,
las botas lleva en la mano,
y no serás de él sentido.

XI. Eternas fueron las horas
para el amante rendido:
deseando por instantes
verse con su amor unido:
cumplió fielmente la cita,
resuelto, animoso y fino,
y entró al cuarto de la dama
sin ser de nadie sentido.

XII. El Sultan quiere vestirse,
mas no encuentra su vestido;
que llamen á Gerineldo,
que es su oficial mas querido:
unos dicen que no estaba
otros que no habia venido,
y el Gran Señor receloso,
se levantó comedido.

XIII. Al saberlo Gerineldo;
se quedó despavorido,
todo confuso y turbado,
creyéndose ya perdido:
la sultana lo animaba,
y él respondió afligido:
¡á dónde iré, mi hermosura!
¡á dónde me iré, Dios mio!

XIV. —No te aflijas, Gerineldo,
que siempre estaré contigo:
márchate por el jardin,
que luego al punto te sigo:
obedeció á la sultana,
haciendo lo que le dijo,
y el Sultan que está en acecho
se hizo el encontradizo.

XV. —¿A dónde vas, Gerineldo?
¿cómo estás tan pensativo?
—Recorriendo aquestas matas
por ver si han florecido;
y una rosa muy fragrante
el calor me la ha comido.
—Mientes, mientes, Gerineldo,
como villano atrevido.

XVI. Estando en esto el Sultan
un gran pliego ha recibido;
ábrelo y en el instante
todo el color ha perdido.
—Que prendan á Gerineldo,
y encierren en un castillo:
marchando determinado
á cumplir lo contenido.

XVII. Entonces la hermosa Enildas,
acude á aquel mismo sitio,
infórmase muy en breve,
y conociendo el peligro,
sin esperar á que vuelva
el Sultan enfurecido,
salta la verja ligera,
guiada del ciego niño.

XVIII. Fúgase á la gran Tartaria
con su amante y fiel amigo,
en dos fogosos caballos,
mudando traje y vestido,
y con las joyas que lleva
en un rico cofrecillo,
una vida regalada
á su dueño ha prometido.

A7, C1e *Chap. iii, b, 5* (col. 477).—Com os versos 39-41 da versão 4 de Pidal (=A7)

Buscaba el Rey las espadas,
las espadas de más filo:
cogiera el Rey la dorada....,

e o verso 59 da lição de Garrett (=C1)

Tira el rei seu punhal de oiro,

confrontem-se os seguintes que saco do canto quadragesimo da collecção de Nigra, intitulado *Il Moro Saracino.* Na variante 'A,' linha 13 lê-se:

O tirè-me giù mia speja,
cula del pügnal d'or fin

(=deitai-me abaixo a minha espada, aquella co'o punhal d'oro fino); na lição 'D,' l. 7 falla-se da *spadinha cun ël pügnal d'argent*, e a variante 'E,' l. 8 parece-me que apresenta o melhor texto, dizendo:

Campè-me giù la mia spadinha
cun ël so pum andorà

(=atirai-me abaixo a minha espada com o punho dourado). Allude-se á agudeza da arma na versão 'B,' l. 9:

O dunei-me la mia speja,
cula del fil 'n po' pi sutil

(=aquella com o fio um pouco mais agudo).

A9 *e note 41*.—Os já citados *Estudos* da Snra C. M. de Vasconcellos trazem uma analyse da introducção apocrypha d'este romance.[6] Antes de resumil-a, transcrevo os treze versos em questão:

Mes de mayo, mes de mayo,
mes de mayo, mes de flores,
cuando los toritos brabos,
cuando los recios calores,
cuando los inamorados
gozaban de sus amores .....
Cuando Gerineldo yiba
á dar agua á sus caballos
á los corrientes del mar.
Mientras el caballo bebe
Gerineldo echó un cantar.
La Infanta desque lo oye
le encomenzó á llamar . . .
[segue:—Gerineldo, Gerineldo,
mi camarero benino, etc.].

Este preludio compõe-se de tres remendos diversos. O primeiro trecho (1–6; assonancia *ó-e*) é tirado 'do celeberrimo e melancolico Romance do *Prisioneiro*' ou d'um simples '*Romance de Maio*, do genero dos que foram accrescentados ao Romance do *Prisioneiro*.' Comparem-se os versos 37-40, 43-44 do nº **372** del 'Romancero Gral' de Durán:

Mes de mayo, mes de mayo,
cuando las recias calores,
cuando los toros son bravos,
los caballos corredores; . . .
cuando los enamorados
regalan á sus amores,

e tambem os numeros **1453**, 1–4 e **1454** 1–2, 5–6.

Para o segundo centão (7–11; ass. *á*) a recitadora aproveitou-se d'uns versos dos romances do *Conde-Niño*, ou *Pedro Menino*, on *Dom Diniz*, etc. Cf., por exemplo, Da Veiga, *Romanceiro do Algarve*, p. 65 (*Dom Diniz*):

1 Já se lá vai Dom Diniz
3 ver dar agua ao seu cavallo
4 lá para as ribas do mar;
9 em quanto o russo bebia,
10 elle se p z a cantar,—

Almeida-Garrett, *Rom.* iii, p. 19 (*Conde Nillo*), v. 1–4:

Conde Nillo, conde Nillo
seu cavallo vai banhar;
em quanto o cavallo bebe,
armou um lindo cantar—

e Braga, *Romanceiro Geral*, nº **14** 1–4, Pidal, *Roman. Astur.* nº **25** 3–8, **26** 3–6.

6 *Rev. Lusit.* ii, pp. 194–196.

A terceira parcella, de duas linhas apenas (12, 13; ass. *á*), provem d'um dos romances do segundo cyclo de *Gerineldo*, e está calcada sobre os versos 5,6 (ou 90, 91) do nº ii b da *Folkpoesi* de Munthe.—

Resta dizer duas palavras acerca do falso remate da lição de Munthe (linhas 82–85; ou, sem contar a exposição apocrypha: 69–72[7]). Eis a copla:

Tengo juramento hecho,
á la Birgen de la Estrella,
mujer que ha sido mi dama
de no me casar con ella.

Este 'rabo-leva postiço e muito vulgar,' na origem uma *copla solta* com *rima* nas linhas 2 e 4, 'faz hoje parte de uma versão, inédita, da *Galancina*, cujo teor se aproxima muito da lição publicada por Durán (nº 329),' e parece-se tambem ao final do romance de *Tenderina*, v. Pidal, nº 8.[8]

C1.—Além das versões de *Gerineldo* que commentei, ha outra brazileira recolhida no estado de Minas-Geraes, da qual Santa-Anna Nery traz uma traducção franceza de 160 linhas curtas ou versos, no seu *Folk-lore Brésilien*, pp. 17–22:

1,2 Reginaldo, Reginaldo,
page chéri du roi, etc.

Um exame d'esta lição luso-brazileira, que no meu primeiro tractado interpôr-se-hia entre as lições C1 e C2, prova que é apenas uma variante da de Garrett, com levissimas modificações (v. 29: mulâtresses; v. 42: *vieux* roi ?);

7 Cf. a 'note 29' do meu "Eginhard et Emma," e cols. 464, 465.

8 O distincto romanista sueco Ake W: son Munthe, a quem devemos a publicação d'esta versão (A9) do *Gerineldo*, parece que tem morrido recentemente. A Snra de Vasconcellos escreve-me que, ha annos, nem ella nem outros sabios têm recebido d'elle resposta alguma ás suas cartas e pedidos. Na *Rev. Lusit*, o sr. Gonçalves Vianna tem-se occupado (i, 279–285) das suas *Anteckningar om Folkmalet i en trakt af vestra Asturien*, Upsala 1887, e a snra C M. de Vasconcellos ainda mais detidamente (ii 156–179 e 193–208) dos dezasete romances archivados na sua *Folkpoesi fran Asturien*, i, Upsala 1888. A segunda parte d'esta publicação, *Korta visor*, e a terceira, *Barnvisor och barnrim*, pareceram em 1889. Ademas Munthe deu duas contribuções para o *Recueil de mémoires philologiques présenté à M. G. Paris par ses élèves suédois le 9 aout 1889*, a saber: "Observations sur les composés espagnols du type *aliabierto*," e: "*Romance de la tierra*, chanson populaire asturienne," assim que um artigo, "Vermischte spanische Beiträge," na *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. xv (1891).

a unica notavel é a falta do episodio do conselho e juizo dos condes (=Cl 97–104).

Nestas circumstancias é força dizer em justificação da lição Cl, que evidentemente o grande *acconciatore di romanze*, Almeida-Garrett, não se permittiu as numerosas al terações mais ou menos arbitrarias, que se suppunha. Pois se este romance verdadeiramente vive na bôca das povoações brazileiras, não se poderá crêr que fosse importado pelo 'Romanceiro' de Garrett, senão unicamente pela tradição oral dos immigrantes portuguezes de data anterior.

C1*b* (cols. 468, 469), C4, e *Chap. iii, c*, 10 (col. 481) deveria mencionar-ce a definição que Almeida-Garrett[9] da do *solão* como genero de poesia popular. "É um canto epico ornado, em que as effusões lyricas accompanhão a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sôbre elles, do que para os contar ponto por ponto.'—

Col. 481:—Tambem F. Wolf[10] compara o episodio do carcere com o romance catalão "O poder do canto," do qual traz uma traducção allemã.[11] Emquanto a similhança desta scena com as versões do *Conde Nillo*, etc., veremos mais adiante.

Note 62.—Outro testemunho da popularidade de *Gerineldo* encontra-se na primeira d'uma serie de coplas soltas, que formão uma especie de canção burlesca,[12] e foram publicadas por D. Tomas Segarra, nas *Poesias populares*, Leipzig 1862, p. 163. Eil-a ahi:

La madre de Gerineldo
llora con grande dolor,
Gerineldo de mi alma,
Gerineldo de mi amor.

Esta *cuarteta* recorda o pranto da mãi na scena do carcere (em Clb).

Nos *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akakemie der Wissenschaften zu Wien*, philosophisch-historische Klasse, vol. 16, anno de 1855, F. Wolf publicou um estudo sobre a *Comedia famosa de la reina María* de Lope de Vega, a qual se nunca imprimiu e cujo autógrapho, antes na bibliotheca do Duque de Osuna, se acha agora na do Principe de Metternich. Nella, D. Guillen, na sua relação ao rei D. Pedro (ii, o Catholico, de Aragão) diz (p. 261):

Salgo entonces de las matas,
¡pardios! como un *Gerineldos*...

d'onde Wolf infere, visto o conjuncto da situacão, que em tempos de Vega o nosso heroe era proverbial com a ideia accessoria do 'atrevido.' (Tambem uma cópia do romance, que veio do Porto, trazia por titulo 'Girinaldo *o atrevido*,'[13] e o mesmo sobrenome apparece em Cl 4 e na lição luso-brazileira, l. 4: *l'audacieux;* cf. A5 8: *aguerrido*).

Note 64.—Em 1893 pareceu no Porto o *Cancioneiro de Musicas Popularus para canto e piano*, por Cesar das Neves, coordenada a parte poetica por Gualdino de Campos, prefaciado pelo ex^mo^ snr. Sr. Theophilo Braga. Cf. *Rev. Lusit.* iii, pp. 190–192.—Note-se um juizo da snra C. M. de Vasconcellos:[14] "Der als Musikforscher namhafte, in litterarischen Fragen aber höhst unsolide Soriano Fuertes."

Note 67.—Para os instrumentos de musica vêja-se tambem Milá y Fontanals, na *Romania*, tomo vi (1877), p. 56, ou nas *Obras Completas*, t. v, p. 375.—

Passando agora aos romances que contão a segunda parte dos amores de *Gerineldo*, advirto que vou dar o meu commento prescindindo de uma investigação da origem d'estes romances, como a deixo esposta a largos traços para a primeira secção,[15] sendo ella indispensavel naquelle caso por causa das questões que levanta a sua importação forasteira.

Eis pois o que tenho que dizer respeito á Segunda Secção do Romance de Gerineldo, ou sêja:

A INFANTA PEREGRINA E GERINELDO.

Entre as versões do romance de *Gerineldo* commentadas na "Tradition d'Éginhard" ha algumas que com a original aventura do heroe fundem outra inteiramente independente. Ainda este episodio addicional apresenta feições muito divergentes nas varias lições, como

9 *Rom.* ii, pp. 128, 129.

10 *Proben*, p. 57, nota.

11. *Proben*, pp, 129, 130.

12 E aproximão-se do *amphiguri*. Cf. *Rev. Lusit.* ii, p. 95: 'amphiguri é uma poesia popular em qûe, para rir, as ideias se apresentão desconnexas.'

13 Cf. Almeida-Garrett, *Rom.* ii, p. 165.

14 No *Grundriss*, vol. 2a secção, p. 166.

15 MOD. LANG. NOTES, vii, columnas 451–456.

ver-se-ha das seguintes analyses.

A lição C1b, assim que a sua variante brazileira, annexa ao corpo do romance o episodio principiando

'Já o mettem n'uma torre,
já o vão incarcerar.'

Almeida-Garrett, *Rom.* ii, p. 172 e Hardung, *Romanceiro Portuguez* i, p. 113. Trinta e dois pares de linhas (versos 105–168): assonancia *á*, á excepção dos desaseis versos 137–152 (*ão*), de que facto não ha necessariamente que inferir que o texto estêja corrompido.[16]

Já trouxemos (vol. vii, cols. 468, 469 e 481) o argumento d'este romance: a incarceração de *Reginaldo*, a intervenção da mãe, o *solão* do 'pobre sem ventura, a quem el-Rei escuta e liberta para fazel-o casar com a Infanta.

Outro motivo, que representa a verdadeira segunda parte dos amores de *Gerineldo*, vem tratado nos seguintes romances, todos castelhanos-asturianos:

1. 'Romance de Gerineldo.'
Grandes guerras se publican
de España con Portugale

Jahrbuch, vol. iii (1861), p. 290. Versão de vinte e sete pares de linhas (ou, sem o falso remate: vinte e cinco), recitada a Amador de los Rios por Maria del Rosario Fernandez Gamonada (ou Gamonede), natural de Luarca (Asturias). Assonancia *á-e*.

Traducção allemã de Paul Heyse, no *Jahrbuch*, iii, p. 295.

Argumento.—Depois de estalar a guerra, Gerineldo é nomeado capitão general (1–4), e diz á Princeza que póde casar se elle não voltar aos sete annos (5–8). Os sete abriles passão, ella pede licença a seu pae para o sahir a buscar, anda por tres 'reinados' e, ao voltar, topa com um rico vacale (9–16).

Dialogo:—Vaquerito, vaquerito,
por la santa Trenidade,
que me niegues la mentira,
que me digas la verdade.
¿De quién es esa vacada . . . ?

Tendo sabido que pertence a Gerineldo

que aquí está para casarse,

da *una moneda* ao vaqueiro, e faz-se levar á casa festiva (17–28).

Dialogo:—Gerineldo, Gerineldo,
una limosnita daime . . .

Ella recebe dous maravidis da mão do seu antigo amante e intima-lhe que faz mesquinha esmola

para la que en mi palacio
antaño solías dare! (29–36).

Dialogo:—Pelegrina ¿eres el diablo
que me vienes á tentare?

A Princeza assevera ser sua esposa legitima e prova-o por meio d'um 'papel' que lhe ensina: Gerineldo reconhece-a e vae casar com ella (37–44). Os dous noivos mandão apparelhar os coches e desatão a cantar, acautelando os seus cavallos de não beberem a agua do mar [!] (45–54).

2. Grandes guerras se publiean
entre España y Portugal.

Pidal, *Rom. Astur.*, no. 5b. Recitado em Grado (Asturias) por José Fernandez, natural de Santianes de Molenes. Vinte e seis pares de linhas, assonancia *á*.

Gerineldo, capitão general (4), despede-se da *Infantina* (5–8); . . . ella veste-se de romeira e encontra a um rabadão (9–16). Quando aprende que Gerineldo está para casar, cae desmaiada (17–24); conteúdo de 25–28 =1. Ella pede esmola e Gerineldo encarrega-a de dizer á *Princesina* que já póde casar (29–36).

Dialogo:—'Romera, ¿eres el demonio . . . ?'

Ella da-se a conhecer, accrescentando porém que a boda será por Dª Elvira, e que ella se hade retirar n'um convento.

—No será así, Princesina,
contigo quiero casar. (37–46).

Os amantes reconciliados partem

para celebrar las bodas
en Francia la natural. (47–52).

3. Fué publicada la guerra
en Francia y en Portugal.

Munthe, *Folkpoesi*, nº 2b (=2, 86–147). Recitado en Cangas de Tineo por Antonia Coque, oriunda de Posada de Rengos (Asturias). Trinta e um pares de linhas, ass. *á*.

Capitão general (1–4 ou 86–89); a Infanta começa a chorar (5,6):

Gerineldo, Gerineldo,
¿cuánto tiempo has de tardar? . . . (7-12 ou 92-97).

Sete annos, etc., (15 ou 100): 'se bistió de

16 Cf. a observação da snra C. M. de Vasconcellos, *Rev. Lusit.* ii, p. 206, "A Barba Azul."

pelegrina,' encontra uma 'bacada' e uma 'buyada' (13–22 ou 98–107). O dialogo

(23 ou 108) Díme, díme, baquerillo,
dinero te tengo á dar . . .

contem alguns insulsos modernismos:

(29 ou 114) —Siñora, es de Gerineldo,
está en bispuras de casar,
en la Carrera del Perro,
en la casa principal,
numaro seis, gran siñora
esta es la pura berdá (23–34 ou 108–119).

O dialogo entre a peregrina e a gente da casa apresenta mais umas interpolações hodiernas:

(35–38 ou 120–123)—¡Ave Maria purísima!
—¡Sin pecado original!
—¿podrán dar una limosna
por la santa 'Ternidad?[17]

Él mismo lhe sae a dar *un rial de plata*;—

(45 ou 130) —¿Dónde es V., la romera . . . ?
(47 ou 132) —De Castilla soy, siñor . . .
(49 ou 134) ¿Tan desconocida soy
que no me conoces ya?

Dialogo entre as duas rivaes:

(51 ou 136) ¡Atrás, atrás la romera . . . !
(55 ou 140) —Atrás, atrás la siñora . . . ?
(57 ou 142) —que si V. es hija de un conde
yo soy de un rey que unda es mas.

A quadra final (59–62 ou 144–147)

—Quédense con Dios, señores
y alcalde d'este lugar,
que los amores primeros
son muy malos de olbidar—

parece indicar que os antigos amantes partem reconciliados, despedindo-se de improviso Gerineldo dos convidados reunidos para presencear a sua boda com a segunda noiva. As palavras é verdade que são susceptiveis d'outra interpretação, que é que, pronunciadas pela Infanta, serião o seu postreiro adeus ao infiel amante e aos hospedes d'elle.

Deitemos agora uma rapida olhada sobre alguns romances que, sem terem conservado o nome do protagonista, trazem essencialmente a mesma aventura. O primeiro d'elles é castelhano e chama o heroe *Conde Sol;* o outro com as suas variantes é catalão (ou semicatalão), e appellida-o com differentes nomes.

4. "Romance caballeresco del Conde (del)Sol,"
Grandes guerras se publican
entre España y Portugal.

17 Não se deve entender 'Eternidade,' senão 'Trindade' —cf. *Rev. Lusit.*, ii, p. 197.

Durán, *R. Gral*, nº 327; e *Primavera*, nº 135 (vol. ii, p. 48). Romance antigo tradicional, artisticamente refundido; ainda se conserva e passa de bôca em bôca na Andaluzía e terra de Ronda. Sessenta e um pares de linhas, assonantes em *á-e*. O Conde Sol, capitão general, despede-se d'el-Rei e de sua jovem esposa desfeita em pranto (1–14). A Condeza vai buscal-o na Italia e na França; vaccada (15–36). Interrogatorio sobre o dono das vaccas, dos trigos, das ovelhas, dos cordeiros, jardins e cavallos:

—y ¿quién es aquella dama
que un hombre abrazando estae?
—La desposada señora
con que el Conde va á casare. (37–64).

A Condeza veste o grosseiro saial do vaqueiro e faz-se levar ao portal para pedir esmola (65–74). Reconhecimento (75–102) e partida dos amantes sobre um cavallo ricamente caparaçoado, para o castello onde o Conde *es señor naturale* (103–118), deixando a noiva mal parada, despojada dos seus enfeites nupciaes e sem casar (119–122).

5. 'La boda interrumpida.'
Las guerras son publicadas
las de Fransa [y] Portugal.

Milá y Fontanals, *Rillo Cat.* nº 244, lição A; trinta e treis pares de linhas, assonancia *á*.

Ao *Conde Don Bueso*, filho *do Conde Don Burgos*

l'han cridat per general. (1–4).

Despedida (4–14). Passados os sete annos o pae desêja que a Condeza torne a casar; ella refusa, vae em busca do Conde, descansa traz d'uma torre e vê passar a uns pagesinhos (15–32).

Dialogo:—¿Aquesta cavallería
por que la quieren ensellá?
—Pel fill del Conde Don Burgos
qu'esta nit se quiere esposá,

etc. (33–40).—Esmola; o Conde pergunta por novas da Italia e de sua mulher; ella descobre-lhe a sua identidade por um *anell d'or* e o rico *faldellí* que trazia no dia da boda (41–60). Reconciliação (61–66).

5.B. El Rey n'ha fet fí unas cridas
per Espanya y Portugal.

Ibidem.—trinta e um pares de linhas, ass. *á*.

O heroe é *Don Lombardo Ramire*. A *senyora* ou *dama* faz-se accompanhar de criados

e encontra a um pagem cerca d'uma fonte defronte d'uma cidade. Dialogo com o pagem, depois com o Conde:

39 sq :— Deu lo guart, lo senyor Comte,
¿em voldria fé una c'ritat?
yo vinch de d'allá d'Italia,
l'entendiment m'ha faltat.—

Reconhecimento.—

Das outras versões C–G, todas fragmentarias no *Romancerillo* e assonantes em *á*, terei que dizer algumas palavras mais adiante.

(E: El Conde de Berjulita
á la guerra te d'aná . . .
F: Las guerras se son cridadas
por Francia y á Portugal . . .).

Entro agora na confrontação dos elementos constitutivos.

Os Personagens.

O protagonista *Gerineldo* **1, 2, 3,** de humilde pagem que é nos romances do primeiro cyclo, é promovido[18] á dignidade de capitão general, e as versões congéneres substituem ao seu nome o de *Conde* (*del*) *Sol* **4**, *Conde Don Bueso*, filho do *Conde Don Burgos* **5**A, *Don Lombardo Ramire* **5**B, *Don Llambazo* **5**F, *Don Jaime* ou *Conde Elias* **5**C e G, *Conde Elrico* **5**D, *Conde de Berjulita* **5**E.

O nome da heroina, *Enilda*(*s*) em duas versões (A**4** e **5**) do primeiro cyclo, não apparece na segunda parte. Como na primeira secção, ella é filha de rei: *Princesa* **1, 2,** *Princesina* **2**; *Infanta* **3**, *Infantina* **2**; **4** e **5** fazem-na esposa leal do Conde; seu pae menciona-se em todas as versões, exc. **3**; **4** e **5** fazem menção d'um rei, quem, porém, nada tem que ver com a esposa do Conde.

O nome da competidora, *Doña Elvira* **2** 42, lembra pelas suas vogaes e o acento tonico, o de *Enilda* (*vide supra*); em **3** 55, 57 ella é designada simplesmente como *la siñora, hija de conde*, em **4** 63 como *la desposada señora* e 119 *la novia*, em **5**F (fim) como *la pobre de la promesa*, em quanto que nas outras versões a sua existencia se infere sómente da circumstancia de o heroe estar para casar.

Tocante a *geographia* dos nossos romances —que há uma até no folklore—duas palavras bastarao. Em **2**, Gerineldo é um nobre francez, ou de extracção franceza: para celebrar a boda elle volta para *Francia la natural* (l. 52); tambem na linha 35 se menciona a França. Em **5**A 43–46 elle suppõe-se oriundo da Italia, ou ter-se estabelecido na Italia, porque a Condeza o vae buscar naquelle paiz; em **5**B 41 ella até volta *de d'allá d' Italia*, e em **4** 31 peregrina *por Italia y Francia*, em quanto que ás versões **5**C e E lhes basta fazel-a recorrer a vizinhança de Carthagena ou de Sevilha. —Em **3** 47, 48 e **4** 84 a Infanta (ou sêja Condeza) declara ser natural de Castella ou de Hispanha. E bem certo que lhe podemos vindicar o sangue hispanico em todas as lições, porque em todas o centro ou meio geographico no qual se colloca ou de que parte a acção, é a Peninsula, o theatro da guerra fixando-se n'ella. (Á Hispanha é verdade que em **3** e **5**A, F se substitue a França, tão familiar aos antigos jograes, ao pass que o nome de Portugal se mantem em todas as variantes).

18. Cf. Pidal, *Rom. Astur.*, p. 285; e *Rev. Lusit.*, ii, p. 196.

Os Motivos.

I. Das duas versões (Pidal nº 5 e Munthe nº 2) nas quaes este romance se encontra íntima e, na consciencia do povo, inseparavelmente fundido com o primeiro romance de Gerineldo, sómente a primeira procura estabelecer entre elles um rigoroso nexo mental, interpolando as duas linhas:

Yo iré á la guerra, señor,
para echárselo (*i. e.* o vestido) mas fino,

Cf. vol. vii, col. 464, '8[bis].'

a. Separação.

II. Grandes guerras se publican . . .; o héroe, capitão general.

III. despede-se da Infanta com quem el-Rei (na conclusão da primeira parte) acaba de o casar [**2**, 6 'voime *fortuna á buscar*']—ou sêja da Condeza sua esposa, dando-lhe nas mais versões formalmente a permissão de casar se elle não voltar dentro de certa epoca. Pranto da mulher **3, 4, 5.**

b. Peregrinação.

IV. Os sete annos tradicionaes do folklore transcorrem—seis, oito e até dez annos no *Conde Sol*—sem o heroe voltar nem dar novas.

V. A Infanta, etc., pede licença a seu pae para ir a buscar a seu marido. As versões aparentadas **4, 5** amplião um pouco esta

scena; em **5**D o pae da a permissão com as palavras:

Demana 'n á la Diosa (!)
que llicencia t'en dará.

VI. Tendo vestido de romeira (*romerita* **5**C, *pelegrina* **5**E etc.), ella anda tres **1** ou sete reinos **2**, ou *cien legoas, para las quiñientas ba* **3**, *ciento leguas* **5**A, *siete leguas* (!) **5**C; em **4** ella caminha pela França e Italia em busca do marido. Em **5**B a Condeza

de promte demana als criados
que la vajin acompanyá—

o que parece un modernismo bastante insipido.

VII. A romeira topa com uma vaccada. Interrogatorio dirigido ao rabadão sobre o dono da fazenda, acabando com a nova de Gerineldo estar em vesperas de casar.—Esta scena, muito mais comprida e elaborada no romance do *Conde Claros* (**4** 37–64) do que nos outros, é, com varios outros rasgos, uma prova de o dito romance ser uma ampliação artistica do assumpto poetico que vem tratado na segunda parte do *Gerineldo*. Teremos que dizer mais umas palavras sobre este ponto na conclusão do presente artigo.

Note-se, no questionario da Princeza, uma das phrases feitas do folk-lore peninsular:

que me niegues la mentira,
que me digas la verdade— **1**, 19, 20.

e, parecidamente, em **3** e **4**. E mais um rasgo. Em **1**, 18 e **4**, 38 a romeira conjura o rabadão pela santa Trindade que falle a verdade; ella serve-se da mesma invocação para obter de seu pae a permissão para a sua peregrinação **4** 24, quando pede esmola **3** 38 ou 123, e em **5**A 14 quando objecta a seu pae, commo não ser licito

que mientras el Conde visca
Condesa 's torni á casá.

Em **4** 66 a Condeza pede o saial do vaqueirinho *por la santa Soledade*.

Um incidente particular á variante de Pidal: a romeira, depois de ouvir a fatal nova,

cayó al suelo desmayada (**2**, 23).—

Nos romances da *Boda interrumpida* não há vaccada nem rabadão; ahí, uns *pagecitos* **5**A, ou um *patge chico* **5**B, vém a passar com os cavallos de *Don Lombardo*, etc., para os abrevar numa fonte. Dialogo muito breve.

O interrogatorio nos nossos romances 're corda questionarios parecidos de varios contos e cantos nacionaes e internacionaes (*Gato com botas.—Marques de Carabás*, etc.),' conforme advirte a Snra C. M. de Vasconcellos.[19] Wolf y Hofmann[20] enuncião similhante juizo, o qual é rejeitado pelo Snr. Child.[21]

VIII. Em **1** e **2**, a romeira da 'uma moeda' ao vaqueiro para que lhe ensine a casa e a leve ao portal; os pagens em **5**A, B accompanhão-na sem receber recompensa (Em **3** ella offerece o dinheiro ao principio do interrogatorio, l. 24 ou 109). Em **5**B, somente agora a Condeza *s'en vesteix de pobrecita* (l. 35), e em **4** ella troca a sua roupa de seda pelo saial do vaqueiro para se apresentar na casa do Conde.

c. Reconciliação.

IX. A romeira pede esmola (*una c'ritat* **5**B 40), o dono da casa da-lh'a (dous maravidis **1**, um real de prata **3**). Em **1** e **3** ella lembra-lhe que *en mi palacio* (ou: *dalgun dia*) . . . *mas limosna solía dar*. Em **2**, Gerineldo encommenda-lhe que informe a Princeza que já está livre, em **5**A pergunta por novas da Italia e de sua mulher; e em **5**B, quando ella diz que a mulher do Conde chorará se ouvir que elle tornou a casar, elle pergunta:

¿com ne plorará la trista
si já n'es morta temps ha?—

Em **5**E não se menciona a esmola, mas a peregrina

de tan lluny com lo va veure
al peu se li ajonollá.

X. Lucta interior e duvida do amante, quem crê ver o diabo diante de si vindo para o tentar **1**, **2**, **4**.

XI. A peregrina da-se a conhecer por *sua mujer naturale*, *verdadera* ou *esposa leal*: em **1** ella faz-o por meio d'um 'papel,' nas variantes **5** por meio d'algum antigo recordo que lhe ensina (*faldellí* e *anell d'or* **5**A, *diamant* **5**B, *ab un reberó que porta al fondo del faldillá* **5**F) ou ainda *amb el brillo en el parlá* **5**C.—

19 *Rev. Lusit.* ii, p. 197.

20 *Primavera* ii, p. 52, nota.

21 *Ballads* ii, p. 461, nota 2.

Em **2**, a romeira, depois de se ter descoberto, declara que a boda será por a sua rival Dª Elvira e que ella vae rematar a sua vida n'um convento.

XII. O heroe vai casar com a fiel amante e parte com ella para o seu castello.—A forma original deste episodio final parece ter-se conservado em **2** 47–52, abstrahindo talvez da menção feita da França na ultima linha; as linhas 103–118 de **4** são uma ampliacão artistica da mesma scena, e o trecho correspondente (l. 45–50) de **1** tem sido em parte remodelado para poder serzir com o romance o accrescento postiço seguinte:

No bebais, caballos mios,
de las orillas del mare,
porque está el agua salada
y puede faceros male.

Em quanto a esta allocução dirigida aos cavallos—originariamente uma formula de benção e de bom agouro, mas completamente disparatada na presente situação, e muito alterada da lição primitiva—, vêja-se *Rev. Lusit.* ii, p. 196. As variantes **5**A,B reduzem a scena da partida ás palavras: *s'en gafan mano por mano y á casa van aná*, e: *al quarto varen entrá;* **5**F: *los dos quedaren casats.*

A alegria dos amantes reunidos, não manifestada em **2**, converte-se em *rico cantare* em **1**; em **4** 113, 114 a esposa

—de alegría y contento
no cesaba de llorare;

nas variantes catalãs parece que os actores dispõem d'uma particular profusão de pranto e outras delicadissimas expressões da sua emoção (*lloros* **5**A: *patons y abrassadas* **5**B; *y lloran qui mes podrá* **5**D).

Conforme vimos mais alto, o texto da scena final de **3**, depois da altercação das rivaes, admitte duas interpretaçoes divergentes, das quas a primeira, comtudo, parece preferivel, como mais conforme com o espirito geral da lénda.

XIII. Alguns dos romances congéneres mencionão a segunda noiva na scena do desenlace. **4** diz que

qued'dose ha la novia
vestidica y sin casare,

e **5**F:

la pobre de la promesa
no feya sinó plorá;

estes ultimos versos são tirados *ipsissimis verbis* da versão **5**A, 5, 6—scena do pranto da Condeza—, substituindo apenas a *promesa* pela *Condesa*,

XIV. O epimythio.—Na variante de Munthe, Gerineldo 'fecha o romance com um epimythio em que se enuncia sentenciosamente'

que los amores primeros
son muy malos de olbidar,

o qual se encontra tambem, algum tanto deturpado, na 'Boda interrumpida' **5**A, como observação do poeta:

que las primeras mujeres
mal se poden olvidá.

No romance do Conde Sol, depois de descrever o estado de desamparo em que fica a rival engeitada, o poeta accrescenta, lembrando a gralha depennada da fabula:

que quien lo ajeno viste
desnudo suele quedar.[22]

Depois de termos assignalado, nos argumentos e no exame comparativo dos motivos, as particularidades mais relevantes das varias versões, pouco resta dizer respeito á sua *authenticidade* relativa.

A variante **1** apresenta um bom texto popular; dicção sobria e singela; leve omissão depois da linha 8, confusão no desfecho, falso remate.

2 é egualmente uma redacção bastante estrema; umas poucas adulterações (linhas 6; 23; 35 e 52 a França; 41–44 Dª Elvira, convento) já se mencionáram.

O vulgarismo muito marcado que afeia e estraga toda a lição **3**, com a sua obliteração dos motivos, a deslocação de linhas e as infiltrações de modernismos e phrases convencionaes, não lhe faz merecer outro nome senão o d'uma recitação hodierna muito deturpada do nosso romance.—As tres ultimas quadras provão que o original directo d'esta variante differe do de todas as outras redacções.

As versões catalãs **5**, estreitamente irmanadas pelo fundo com as castelhanas, têm conservado ainda ellas o cunho de populares castiças, apesar de apimentadas com uns poucos modernismos; algumas modificações: o pa-

22 *Cf.* as observações sobre os rifões e anexins d'esta classe, na *Rev. Lusit.* ii, pp. 178, 198, 199.

gem em logar do vaqueiro, e os varios signaes pelos quaes a Condeza se da a conhecer (que recordão o ' papel ' da lição 4).

O romance do *Conde Sol* 4, por muito mais detalhado e elaborado no desenho das situações e incidentes, presume de artistico e caracteriza-se como remodelação jogralesca da epoca escripta e de erudição. Mas não por isso devemos concluir que, na consciencia e na practica poetica popular, o nome do Conde Sol se associasse com o nosso romance mais tarde do que o de Gerineldo. Talvez haja razões para presumirmos o contrario. Eu, por minha parte, inclino-me a acceitar sem resrticcão as luminosas observações do Snr. Menendez Pidal.[23] Tendo exposto como el-Rei obriga a Gerineldo a casar com a Infanta em castigo da sua culpa e lhe aconselha que a vista de saial, elle continúa: 'no conforme la multitud con la aristocrática tendencia de este sarcasmo, protestó de ella como pudo, haciendo del humilde paje un tipo pundonoroso y noble . . .,' que conquista honores e riquezas e, já poderoso e bem quisto das gentes, vai casar em terras remotas com uma grande senhora. D'esta maneira os rhapsodes populares chegárão, por um simples cambio de nome, a serzir o romance do *Conde Sol* com o de *Gerineldo*, 'con el solo designio de dejar á éste mejor parado que de otra manera quedaba.'[24]—Logo o texto 4 seria uma remodelação erudita do romance do *Conde Sol*, o qual na sua forma primordial era anterior aos de *Gerineldo* ii e serviu presumivelmente de modelo directo para elles.

Antes de concluir, quizera chamar a attenção para a surprendente analogia—até nos pormenores da narração dos romances ahi commentados com certos cantos populares d'outros paizes.

1º Na *canzone di Moran d'Inghilterra*, da qual Nigra publicou duas versões (A, B),[25] não bem tem o heroe (*Moran*, *Morum*, *Mural*, *Morando*) casado (*sposato* ou *fidanzato*) com a filha do Sultão que a deixa; depois de transcorridos os typicos sete annos, ella caminha por toda a Inglaterra (n'outra versão; *girà tüta la Fransa*) e topa com um vaqueiro (*mandriano di vacche Gerolamo*, *Girom*), ou com duas lavandeiras. Interrogatorio. Ella da de esporas ao seu cavallo, chega para a boda, e refusa de beber até que *Maran* a abraça e reconhece dona (*padrona*) da casa.

2º A ballada escoceza de *Lord Beichan* (*Young Beachen*, *Bekie*) e *Suzeta* (*Shusy*, *Susan*) *Pye*, filha do Moiro; quatorze variantes na collecção de Child,[26] quem nega que esta ballada estêja *derivada* da lénda de Gilberto Becket, pae do famoso arcebispo São Thomas Cantuariense,[27] e cita numerosas parallelas dinamarquezas, islandezas, norueगas, suecas (*Herre Per* e *Jomfrue Ellensborg*).

Assumpto parecido com o dos romances de *Gerineldo* ii e do *Conde Sol* encontra-se em mais algumas poesias populares, mas com os papeis cambiados, pois o marido é quem busca a dama. Taes são o extensissimo romance castelhano do *Conde Dirlos*[28] (ou: *d'Irlos*; 1366 linhas, ass. *á-e*) e a ballada de *Hind Horn*,[29] com analogias escandinavas, flamengas e allemãs. Tambem ha affinidade secundaria entre o nosso cyclo e o romance catalão *da Nobre Porqueira e da Má Sogra*:

' El Rey n'ha fet fé una crida,
una crida n'ha fet fé . . .'—[30].

Os romances da *Peregrina* e outros parentes dos de *Gerineldo* virão tratados em artigos especiaes, que espero dar ao prelo brevemente.

H. L. W. Otto.

Cornell University.

23 *Romances Astur.*, p. 285.

24 *Cf.* tambem *Rev. Lucit.* ii, p. 196, nota 1: 'O povo gosta muito das *Segundas Partes* . . . .'

25 *Canti popolari* no. 42.—Il metro . . . è il doppio settenario tronco-piano, coll'assonanza nei piani. (Ex.: La fia d.l Sültan ‖ l'è tan na fia bela).

26 *Ballads* (ii), no. 53.

27 *Ibid.* (ii), pp. 458, 459.

28 Durán, *R. Gral*, no. 354, e *Primavera* (ii), no. 164.

29 Child, *Ballads* (i), no. 17.

30 Mil', *Rillo Cat.* no. 234 A-Ñ; ass. *é*.

KARL LENTZNER.

The editors of the Mod. Lang. Notes owe an apology to their readers for the publication of the article entitled "Historical Outline of the Danish Language" (Mod. Lang. Notes,